



CENTRO STUDI SEA

ISSN 2240-7596

aipsa edizioni spa

AMMENTU

**Bollettino Storico e Archivistico del
Mediterraneo e delle Americhe**

N. 7

luglio - dicembre 2015

www.centrostudisea.it/ammentu

www.aipsa.com

Direzione

Martino CONTU (direttore), Giampaolo ATZEI, Annamaria BALDUSSI, Manuela GARAU, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Maria Luisa GENTILESCHI, Antoni MARIMÓN RIUTORT, Francesca MAZZUZI, Roberta MURRONI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Maria Elena SEU, Maria Angel SEGOVIA MARTI, Frank THEMA, Dante TURCATTI, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS, Franca ZANDA

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
Via Su Coddu de Is Abis, 35
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

Sommario

Presentazione	1
Presentation	3
Présentation	5
Presentación	7
Apresentação	9
Presentació	11
Presentada	13
DOSSIER	
Comunidades estrangeiras em Lisboa (séculos XV-XVIII)	15
sob orientação de Nunziatella Alessandrini, Jürgen Pohle	
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, JÜRGEN POHLE Introdução	17
– JÜRGEN POHLE «Os primeiros alemães a procurar a Índia»: Maximiliano I, Conrad Peutinger e a alta finança alemã estabelecida em Lisboa	19
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, SUSANA MATEUS Italianos e cristãos-novos entre Lisboa e o império português em finais do século XVI: vínculos e parcerias comerciais	29
– JORGE FONSECA Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII	49
– RUI MENDES Comunidade flamenga e holandesa em Lisboa (séculos XV a XVIII): algumas notas históricas e patrimoniais	57
– MAR GARCÍA ARENA La situación de los comerciantes españoles en Lisboa desde la perspectiva de los diplomáticos de la monarquía hispánica destinados en Portugal en el Setecientos	91
– LUÍSA VILLARINHO PEREIRA Ourives franceses, lapidários e engastadores de pedraria na Lisboa do século XVIII - seu contributo na arte e na evolução das mentalidades	104
– CARLA VIEIRA Mercadores ingleses em Lisboa e Judeus portugueses em Londres: agentes, redes e trocas mercantis na primeira metade do século XVIII	114
– TERESA FONSECA A comunidade britânica de Lisboa no terceiro quartel de setecentos	133
– CARMINE CASSINO «Pela Nação Italiana, residente em Lisboa»: relações luso-italianas e elementos de italianidade na capital (segunda metade do século XVIII)	144
Ringraziamenti	163

Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII

European printers and booksellers in sixteenth and seventeenth centuries Lisbon

Jorge FONSECA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Abstract

Professionals from other European countries always took part in printing and book distribution in Portugal, mainly in Lisbon. The royal crown supported these activities, due to its importance for printer and bookselling increase and cultural development of Portugal. This article, based on notarial documents, concerns some aspects of foreigners involvement, especially book imports from Spain, Italy and France, paper imports from Italy, and its exports to India, and print of books in Lisbon through Portuguese and Spanish booksellers.

Keywords

Books, Booksellers, Paper, Print, Lisbon

Resumo

A impressão e a distribuição de livros em Portugal, sobretudo em Lisboa, contaram sempre com a intervenção de profissionais de outros países europeus. Essa participação foi apoiada pela coroa, consciente da importância dos mesmos para o incremento da produção e comércio livreiro e, desse modo, para o desenvolvimento cultural do país. O artigo aborda, com recurso a fontes notariais, vários aspetos da intervenção de estrangeiros, nomeadamente na importação de livros de Espanha, Itália e França, de papel proveniente de Itália, assim como na exportação de livros e de papel para a Índia e na impressão de textos, em Lisboa, por conta de livreiros portugueses e espanhóis.

Palavras chaves

Livros, Livreiros, Papel, Imprensa, Lisboa

A produção de livros e a sua comercialização em Portugal contaram, desde o início da imprensa no país, com a decisiva participação de técnicos e mercadores de vários países europeus, sobretudo daqueles em que a indústria e o comércio livreiro estavam mais desenvolvidos. O local em que essa realidade ocorreu de uma forma mais clara foi Lisboa, a urbe mais rica e populosa, que, pela sua situação geográfica, dinamismo e importância política e cultural oferecia melhores perspectivas de negócios.

A cidade, sede e motor da expansão marítima lusitana, constituía um dos principais elos de ligação da Europa ao resto do mundo. Por isso, além de um mercado livreiro significativo era também uma porta para a exportação para o Oriente e para a América.

Desde cedo são referenciados impressores e livreiros estrangeiros na cidade, cuja atividade era apoiada pela Coroa, ciente do papel que podiam desempenhar no desenvolvimento das técnicas de impressão e, através delas, no progresso do país.

É prova disso a isenção do pagamento de sisa concedida por D. Afonso V, em 1481, a Guilherme e Francisco de Momtrete, irmãos, e a Guido, francês, ao tempo residentes em Lisboa, de todos os livros impressos que importassem e vendessem no país, durante três anos. A justificação para essa regalia era o reconhecimento pelo

soberano da vantagem de em seus reinos «haver muitos livros»¹. Outra demonstração do interesse da Coroa em atrair agentes europeus que pudessem desenvolver a indústria tipográfica foi a concessão por D. Manuel I, em 1508, ao alemão radicado em Sevilha² Jacob Cromberger, assim como a todos os impressores de livros em atividade no reino, dos privilégios de que gozavam os cavaleiros da sua casa. E a razão invocada foi a necessidade no país da «nobre arte da impressão» para que os funcionários régios melhor pudessem conhecer e aplicar as leis e os sacerdotes administrar os sacramentos³. O monarca, empenhado, através de uma ampla reforma legislativa e administrativa, em lançar as bases do que hoje chamamos o Estado Moderno, reconhecia a utilidade do livro impresso quer para a Coroa quer para a Igreja mais eficazmente cumprirem os seus fins.

Um expressivo exemplo do recurso à tipografia para o cumprimento dos objetivos da Coroa é o das relações desta com Valentim Fernandes da Morávia, originário dessa região da Europa Central, que entrou no país nos finais de Quatrocentos. Homem de cultura interessado pelos Descobrimentos portugueses e conhecedor da mercancia, mereceu a confiança da rainha D. Leonor, de quem foi escudeiro, e de D. Manuel. Depois de imprimir a *Vita Christi*, de sociedade com o alemão Nicolau de Saxónia, além de outras obras, foi encarregado pelo rei da publicação das *Ordenações*, em cinco volumes, resultado da reforma legislativa promovida por este, trabalho a que associou o italiano João Pedro de Cremona⁴.

Outra forma de apoiar o trabalho destes profissionais especializados cujo contributo para o país se revelava tão valioso era o de lhes atribuir privilégios de exclusividade para a publicação de certos livros ou de os isentar de algumas obrigações, como a atribuição em 1539 ao francês Germão Galharde, fixado em Lisboa entre 1519 e 1560, do privilégio da impressão do *Reportório dos tempos*, manual astronómico e astrológico do castelhano André de Li, traduzido por Valentim Fernandes, e das cartilhas de ensinar do bispo de Viseu D. Diogo Ortiz, assim como das regalias dos seus oficiais mecânicos, o que implicava a dispensa de lhe serem tomadas a moradia e a oficina para alojar quem quer que fosse⁵.

A atividade livreira contava, nesses primeiros tempos da imprensa, com a participação de vários tipos de intervenientes, impressores, encadernadores, editores e mercadores de livros, de grande e de pequena dimensão. As funções destes profissionais sobrepunham-se frequentemente nos mesmos indivíduos, que as exerciam em simultâneo. Era vulgar os impressores venderem parte dos livros que produziam, assim como mercadores de livros tomarem a iniciativa e suportarem os custos de uma edição, e os encadernadores serem, ao mesmo tempo, vendedores dos livros que importavam em folha, para diminuírem o seu peso e volume, e depois encadernavam e vendiam. Em todas essas etapas da produção e comércio livreiro se encontravam estrangeiros.

¹ ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, LISBOA (doravante, ANTT), *Chancelaria de D. Afonso V*, Liv. 26, f. 147, documento publicado por FERNANDO GUEDES, *Os livreiros em Portugal*, Verbo, Braga 2005, p. 163.

² ARTUR ANSELMO, *História da edição em Portugal. I. Das origens até 1536*, Lello e Irmão, Porto 1991, p. 223.

³ ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, Liv. V, f. 6 v., documento publicado por GUEDES, *Os livreiros*, cit., p. 166.

⁴ ANSELMO, *Origens da imprensa em Portugal*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1981, pp. 146-198.

⁵ VENÂNCIO DESLANDES, *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1988, pp. 14-17.

Exemplo dessa realidade foi o francês João de Borgonha, fornecedor de encadernações de luxo a D. João III e D. Catarina de Áustria⁶, assim como dos livros em branco a serem usados pela Real Fazenda e Casas da Índia e Mina⁷. Integrada na primeira função esteve a encomenda da soberana de lhe encadernar, em 1550, treze livros, dourados e lavrados e com fitas de seda verde⁸. Estabelecido na rua Nova, aí vendia livros importados, tendo pago a edição de obras de natureza religiosa em Lisboa e Lyon. Vivia com a mulher numa quinta na Pampulha e servia-se de pelo menos um escravo⁹. Em 1547 denunciou à Inquisição o gramático e escritor Fernando Oliveira, autor da *Arte da guerra do Mar* - onde se manifestou contra a forma abusiva como se praticava o tráfico de escravos - e de outras importantes obras, por afirmações heréticas proferidas durante uma discussão que teve com ele sobre Henrique VIII de Inglaterra, o que levou à prisão do intelectual durante vários anos¹⁰. Teve como empregado o castelhano Miguel de Arenas ou Arena, futuro livreiro-editor de sociedade com João de Molina¹¹. Livreiro flamengo era Geraldo de Frisa (provavelmente da Frísia), com loja na rua Nova em 1565¹².

Alguns desses impressores e mercadores estrangeiros, vindos de países atingidos pela Reforma protestante, acabaram por ser alvo da suspeita de heresias. Um deles foi o francês Estêvão, impressor de Luís Rodrigues, acusado em 1549, por um serralheiro seu compatriota, de possuir uma Bíblia em francês e de falar contra as imagens, dizendo que estas eram de madeira¹³. O mesmo serralheiro viria também a denunciar, dez anos depois, Mateus, igualmente impressor francês¹⁴. Essas acusações poderiam ser, em certos casos, motivadas por receio de concorrência dentro da mesma atividade, como quando o impressor Pedro Alberto, de Antuérpia, participou ao Santo Ofício de Cornélio, também impressor flamengo, empregado da viúva de Germão Galhardo, simplesmente por ele lhe ter dito que já tinha estado preso¹⁵. Em 1573 foi o castelhano Fernando de Medelin que delatou àquele tribunal Alonso de Leon, aragonês e livreiro, por ocultar dois livros que falavam contra o Ofício divino e a Missa, provenientes da Flandres ou de França¹⁶.

O objetivo desta intervenção, porém, não é o de resumir factos já conhecidos da história do livro em Portugal, mas o de referir aspetos que julgo inéditos, porque baseados em fontes de arquivo que não têm sido exploradas. Refiro-me sobretudo ao fundo notarial de Lisboa da Torre do Tombo. Apesar das graves limitações que atualmente dificultam a sua consulta, pois cerca de metade dos livros de notas quinhentistas e seiscentistas respeitantes a Lisboa não são acessíveis devido ao seu estado de conservação, é possível, mesmo assim, encontrar dados inéditos referentes a impressores e livreiros, nomeadamente contratos para impressão e venda de livros, pagamentos devidos pela importação destes produtos, informações de natureza

⁶ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte 1, Maço 84, nº 142 e Maço 93, nº 124.

⁷ ANTÓNIO BAIÃO, *O livreiro quinhentista João de Borgonha*, em «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», XXX, 1958, p. 175.

⁸ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte 1, Maço 84, nº 142.

⁹ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 15, Cx. 26, Liv. 123, f. 91 - 15.11.1599.

¹⁰ FERNANDO OLIVEIRA, *Arte da guerra do mar*, Edições 70, Lisboa 2008, p. XI; BAIÃO, *A Inquisição em Portugal e no Brasil*, em «Arquivo Historico Portuguez», VI, 1908, p. 181.

¹¹ GOMES DE BRITO, *Notícia de livreiros e impressores em Lisboa na 2ª. metade do Século XVI*, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa 1911, pp. 9-10.

¹² *Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a El Rei nosso senhor o ano de 1565*, vol. I, Câmara Municipal, Lisboa 1947, p. 213.

¹³ BAIÃO, *A Inquisição*, cit., VI, pp. 183-184.

¹⁴ BAIÃO, *A Inquisição*, cit., VII, p. 15.

¹⁵ *Ivi*, p. 151.

¹⁶ *Ivi*, p. 153.

familiar sobre livreiros e impressores e outros. Com interesse também para o conhecimento destas matérias e ainda não completamente explorado é o fundo paroquial da cidade. Vejamos, então, alguns desses dados, no que diz respeito a agentes europeus.

Uma das vertentes em que a intervenção destes se verificava era a importação de livros provenientes dos grandes centros de produção europeus, como a França, nomeadamente Lyon, a Flandres, sobretudo Antuérpia, a Itália, em que Veneza ocupava posição de destaque, e a Alemanha. Essas importações podiam fazer-se diretamente dos locais de origem para Lisboa, em grande parte do percurso por via fluvial e marítima. Mas podiam também chegar por terra, a partir do território castelhano, de onde eram reexpedidos depois de entrar neste país. Alguns destes entrepostos eram cidades como Salamanca, importante centro universitário, assim como de produção e comércio livreiro, onde residiam e operavam profissionais provenientes de vários países, e Medina del Campo, em que se realizavam as célebres feiras, dinâmico centro internacional de compra e venda de livros.

Um dos casos que encontrei refere-se à apreensão, na vila fronteiriça de Arronches, de livros e dinheiro pertencentes a João de Molina, também conhecido por João de Espanha, importante mercador da praça de Lisboa, e a Lucas de Junta, livreiro florentino estabelecido em Salamanca. A causa da apreensão foi a falta de pagamento dos direitos de importação dos livros. Após reclamação dos donos da mercadoria, com base na isenção de dízima e sisa concedida por D. Manuel I à entrada de livros no país, um alvará régio de 1571 ordenou o seu desbloqueamento e entrega aos donos. O valor em causa era de 24.000 reais, 22.000 dos quais pertenciam a Lucas de Junta e os restantes 2.000 a João de Molina. Mas em 1578 os dois mercadores ainda se encontraram em Lisboa para tratarem de cobrar o que lhes era devido¹⁷. O interveniente estabelecido em Salamanca era membro de uma importante família de impressores e livreiros italianos, os Giunta, estabelecidos desde o século XV em Florença, Veneza e Lyon e, mais tarde, também em Génova, Burgos, Salamanca e Madrid¹⁸. Era provavelmente o fornecedor de João de Molina e os livros deviam vir de Salamanca e ter entrado no reino por Arronches. Mas já em 1565 este último enfrentara um problema semelhante na vila, igualmente raiana, do Sabugal, tendo beneficiado de solução idêntica¹⁹. João de Molina ou de Espanha, próspero editor e livreiro da rua Nova dos Ferros, recebia livros de Christophe Plantin, o célebre impressor flamengo, a quem também encarregou de imprimir por sua conta²⁰. Teve uma escrava, Catarina de Espanha²¹.

Em 1609 Francisco de la Corona, referido como «mercador veneziano», morador em Lisboa junto à ermida de N^a. S^a. da Vitória, contratou com a filha de Pero de Lagos, livreiro de Lisboa já falecido, e com o respetivo genro, Belchior Pereira, também livreiro, o pagamento faseado de 60.000 reis que aquele lhe ficara a dever pela venda de «livros de Leão e Veneza»²². E em 1612 Nicolau de Carvalho, impressor da

¹⁷ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cartório 1, Cx. 2, Liv. 8, ff. 12 v.-13.

¹⁸ LUCIEN FEBVRE, HENRI-JEAN MARTIN, *O aparecimento do livro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2000, pp. 171-172; GÉRARD MORISSE, *L'activité en Espagne d'un libraire lyonnais du XVI.e siècle d'après les dossiers de la Chancellerie de Castille*, em «Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição», Ano IV, n^o 8, 2001, pp. 75-79.

¹⁹ DESLANDES, *Documentos*, cit., pp. 79-81.

²⁰ *Ibidem*; EDDY STOLS, *Livros, gravuras e mapas flamengos nas rotas portuguesas da primeira mundialização*, em WERNER THOMAS, EDDY STOLS (sob orientação de), *Um mundo sobre papel*, Acco, Lovaina 2009, p. 117.

²¹ ANTT, *Fundo Paroquial, Lisboa, S. Pedro de Alfama*, Liv. 1 de Batismos, f. 69.

²² ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 2, Cx. 16, Liv. 78, f. 78 v. - 11.4.1609.

Universidade de Coimbra, declarou-se devedor do mesmo mercador em 135.500 reis, que ainda estavam em falta, a propósito do fornecimento de nove balas (fardos) de livros de Lyon, prometendo pagar-lhos em várias prestações²³.

Lyon e Veneza eram dos principais centros produtores e exportadores de livros da Europa. A primeira cidade, junto ao Ródano, sede de importantes feiras, além de grande centro impressor, recebia e redistribuía para muitos locais livros de vários países, nomeadamente de Itália. É, pois, possível que os livros venezianos vendidos em Portugal por Francisco de la Corona lhe tenham chegado por intermédio da cidade francesa e que todos tenham vindo, a partir daí, primeiro por via fluvial e depois por mar.

É de assinalar que o mercador não negociava apenas em livros. Em 1612 comprou grandes quantidades de lã proveniente da vila alentejana de Serpa²⁴, que certamente destinava à exportação. E já em 1604 tinha fretado ao mestre de uma caravela a ida deste de Lisboa à ilha de São Tomé, com mercadorias suas e de Bastião Bacal, daí regressando à cidade, sem ser indicado o tipo de carga que seria transportada nem à ida nem à vinda²⁵. Poderia tratar-se de exportação de lã e importação de açúcar ou escravos. Isto mostra que, sem se dedicarem exclusivamente ao comércio livreiro, alguns ou muitos dos mercadores de livros, sobretudo quando operavam nos circuitos internacionais, tratavam em variados produtos, por razões de maior rentabilidade. Em 1609 nomeou um procurador para ir à Baía de Todos os Santos, no Brasil, cobrar dívidas a que lhe estavam obrigados vários indivíduos²⁶. Entre esses devedores poderia haver compradores de livros. Como a tipografia só surgiu no Brasil nos meados do século XVIII, os seus habitantes, até aí, estiveram dependentes do reino para obterem esse tipo de mercadoria²⁷.

Embora na Índia a situação fosse diferente, porquanto desde o século XVI que a imprensa aí existiu, nomeadamente por meio do alemão João Endem, que exerceu a sua arte em Goa de 1561 a 1573²⁸, era no entanto corrente a venda de livros para o Estado da Índia por livreiros de Lisboa. Tal sucedia pelo envio direto a clientes interessados, como ocorreu na terceira década de Seiscentos com o secretário da Inquisição de Goa, Francisco da Costa, que recebeu livros de Manuel Fernandes, livreiro de Lisboa, por meio do padre jesuíta António Ferreira²⁹, mas igualmente através de livreiros estabelecidos no território que, por sua vez, eram clientes de fornecedores de Lisboa. Foi o que se passou com Diogo de Lepe, provavelmente castelhano, proveniente da vila andaluza desse nome, que viveu e trabalhou na urbe do Tejo, tendo-se inscrito na confraria dos livreiros³⁰ e foi depois para Goa exercer o seu ofício. Antes de sair do reino deixou uma filha bastarda, Inês, ao cuidado de Simão Lopes, mercador de livros da cidade. Ao falecer na Índia, destinou 200 pardaus para o casamento da filha, ficando o tutor encarregado de os mandar levantar e aplicar ao referido fim. Este, então, em 1587 nomeou outro livreiro de Goa, Bastião Fernandes, para arrecadar essa importância e lha enviar³¹. Daqui se poderá concluir

²³ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 8, Liv. 30, f. 15 v. - 23.2.1612.

²⁴ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 8, Liv. 30, ff. 11 e 12 v. - 22 e 23.2.1612.

²⁵ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 7, Ofício A, Cx. 5, Liv. 20, f. 108 - 28.4.1604.

²⁶ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 2, Cx. 16, Liv. 78, f. 78 v. - 11.4.1609.

²⁷ JORGE PEIXOTO, *Notas sobre a expansão da tipografia portuguesa*, em DOUGLAS C. MCMURTRIE (sob orientação de), *O livro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1982, pp. 471-472.

²⁸ Ivi, pp. 469-470.

²⁹ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 31, Liv. 107, f. 10 v. - 15.4.1628.

³⁰ MARIA BRAK-LAMY BARJONA DE FREITAS, *Os livreiros da Lisboa quinhentista*, em «Revista Municipal» (Lisboa), nº 54, 3º Trimestre, 1952, pp. 16-17.

³¹ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 2, Cx. 4, Liv. 18, f. 3 v. - 27.2.1587.

que Diogo de Lepe, quando foi para Goa confiava a tal ponto no livreiro de Lisboa que deixou a filha sob a sua tutela, certamente porque esperava continuar em contacto com ele, provavelmente como seu cliente na Índia. E o mesmo se deverá ter passado com o procurador Bastião Fernandes, talvez também seu cliente na compra de livros para revenda na cidade.

Era frequente editores de uns países procurarem, por razões de maior qualidade, de preço mais vantajoso ou outras, países estrangeiros para neles mandarem imprimir os livros que queriam produzir e vender. Por isso surgem livros impressos em Portugal, sob responsabilidade de editores e livreiros de outros países e em línguas diferentes da portuguesa, que claramente não se destinavam ao mercado interno. O mesmo se passava com livros portugueses, ou mandados imprimir por editores residentes em Portugal, impressos fora do país. São prova daquela vulgar ocorrência três contratos firmados em Lisboa entre livreiros castelhanos na segunda década de Seiscentos.

Num deles, de 1615, Miguel de Sande, morador em Madrid, e Jerónimo de Yepes, de Valladolid, receberam 600 resmas de papel de Luís de Ruter - morador em Lisboa mas, pelo que sugere o apelido, de origem estrangeira - «para imprimirem um livro», pagando-lhe os 180.000 reis que o papel valia só ao fim de seis meses, comprometendo-se a não tirar os livros «do poder do imprimidor» até terem pago o papel³².

Noutro, do ano anterior, o mesmo mercador de livros Jerónimo de Yepes, referido como estante numa estalagem de Lisboa, à Porta do Mar, juntamente com o seu sócio Miguel de Sande, de quem tinha procuração e constante também da escritura anteriormente referida, contratou com dois livreiros seus compatriotas, Filipe João, de Sevilha, e Gabriel de Loaiza, de Alcalá de Henares, vender-lhes 1.500 exemplares de um livro em língua castelhana chamado *Instituição de sacerdotes*, em papel somente (portanto, não encadernados), pelo preço total de 7.500 reales castelhanos. Esse número de exemplares constituía toda a tiragem do livro e a venda era feita aos dois livreiros em partes iguais. Dessa quantia os vendedores receberam logo 4.000 reales, devendo o restante ser-lhes pago em Sevilha no prazo de oito meses. Testemunhou o negócio Damião Rodrigues, livreiro de Madrid e alojado na mesma estalagem³³. Tratou-se, num caso e noutro, da impressão em Lisboa de livros destinados ao mercado castelhano. Para tal, quer para a compra do papel quer para a impressão, livreiros castelhanos estabelecidos em diferentes cidades do seu país associaram-se para a impressão dessas obras e para a sua venda em várias urbes de Castela, portanto quer na condição de editores quer na de livreiros, deslocando-se para esse efeito temporariamente a Lisboa.

O que terá levado estes espanhóis a mandarem imprimir os seus livros em Lisboa? A compra nesta cidade do papel necessário a uma dessas obras sugere que a explicação está precisamente aí. A qualidade do papel produzido em Espanha no século XVII era baixa e frequentemente os editores optavam por importar papel melhor de Itália e outros países³⁴. Essa importação devia fazer-se muitas vezes através do porto de Lisboa, como se verifica na primeira escritura analisada. Ora, estando o papel nesta cidade, os editores, sobretudo se eram provenientes de várias localidades do território castelhano, deviam pensar que era mais fácil e económico imprimir os livros logo em Lisboa, levando-os depois para as suas terras já sob a forma de

³² ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 13, Liv. 45, f. 7 v. - 10.6.1615.

³³ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 11, Liv. 40, f. 59 - 21.4.1614.

³⁴ JAIME MOLL, *La edición española en el Siglo de Oro*, em *Livres et libraires en Espagne et au Portugal (XVI.e-XX.e siècles)*. Actes du Colloque International de Bordeaux (25-27 avril 1986), Éditions du CNRS, Paris 1989, p. 18.

produto final, do que transportar primeiro o papel para um desses locais, imprimir nele os livros e deslocá-los depois para as cidades de destino. Talvez os livros, se bem acondicionados e em pequenas quantidades, se deteriorassem menos nas viagens por terra que centenas de resmas de papel.

Que Lisboa importava papel, por via marítima, e o reexportava é facto comprovado e também que nesse comércio intervinham estrangeiros. Em 1616 Fourtanier de Bruix, mercador francês, nomeou vários procuradores para cobrarem em Goa o valor de 23 resmas de papel que lhe tinha enviado em 1609³⁵. Em 1610 o livreiro de Lisboa Sebastião Rodrigues embarcou para o estado da Índia 10.000 reis em livros e duas resmas de papel de Veneza³⁶.

Noutro contrato, este de 1617, o referido Filipe João, livreiro de Sevilha e estante em Lisboa, comprometeu-se a pagar 28.720 reis a António Mendes, mercador lisboeta, «de certos livros que na dita cidade de Sevilha lhe entregou Manuel Gomes por ordem dele António Mendes»³⁷. Também aqui estamos provavelmente em presença de livros impressos em Lisboa, em castelhano ou latim, com mercado no país vizinho. Também se podia tratar, noutra hipótese, de obras importadas da Flandres, por mar, que eram depois encaminhadas para livreiros de Castela. Lisboa era porta de entrada na Península Ibérica de cargas de livros enviadas de portos nórdicos como Roterdão, mas cujo destino era, por exemplo, Medina del Campo, grande centro de redistribuição livreira³⁸.

Outro caso encontrado foi o contrato, aparentemente não concluído, que juntou em abril de 1621 o livreiro da rua Nova Belchior Pereira e o impressor Pedro Craesbeeck, flamengo de Antuérpia e antigo aprendiz e oficial da oficina Plantin, estabelecido em Lisboa como impressor na última década do século XVI³⁹. No momento do contrato morava junto à igreja da Madalena. O objetivo do acordo era que este último imprimisse ao primeiro 1.525 exemplares de um livro «da explicação da bula da Santa Cruzada», cujos direitos de edição eram do desembargador Francisco Gomes Loureiro, que os tinha trespassado ao livreiro. O tempo previsto para a impressão era de sete meses, no fim dos quais Pedro Craesbeeck devia entregar os exemplares combinados e receber 2.000 reis por cada folha, de papel e impressão. O livreiro e editor ficava obrigado a dar 100 exemplares encadernados a D. António Mascarenhas, Comissário Geral da Bula da Santa Cruzada em Portugal, que lhe tinha emprestado 400 cruzados para a realização do trabalho, dos quais seria descontado o custo da impressão e encadernação desses exemplares. A escritura, no entanto, foi interrompida antes da indicação das testemunhas presentes, não tendo sido também assinada⁴⁰. Isso pode ter sucedido por divergências entretanto surgidas, por falta de algum dos outorgantes ou por outro motivo. Não encontrei uma escritura posterior em substituição desta, mas isso dever-se-á provavelmente a ter-se perdido ou a constar dos livros atualmente sem acesso. O que é facto, no entanto, é que nesse ano de 1621 foi impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck uma brochura de 14 fólios com o título: *Sermão feito na Sé desta cidade de Lisboa na publicação solene da Santa Bula da Cruzada a 7 de fevereiro de 1621 quando o mui ilustre senhor D.*

³⁵ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 13, Liv. 48, f. 19 v. - 21.3.1616.

³⁶ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 8, Liv. 30, f. 82 v. - 26.3.1612.

³⁷ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, CCx. 15, Liv. 53, f. 80 - 19.5.1617.

³⁸ DIRK IMHOF, *Las ediciones españolas de oficina plantiniana*, em THOMAS, STOLS (sob orientação de), *Un mundo*, cit., p. 66.

³⁹ JOÃO JOSÉ ALVES DIAS, *Craesbeeck, uma dinastia de impressores em Portugal*, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, Lisboa 1996, pp. IX-XII.

⁴⁰ ANTT, *Fundo Notarial, Lisboa*, Cart. 1 A, Cx. 22, Liv. 76, f. 21 v. - 7.5.1621.

António Mascarenhas, daião da capela real de Sua Majestade, entrou por Comissário Geral. O sermão é da autoria do padre Frei Pedro Calvo, pregador do rei⁴¹. Deve tratar-se da edição contratada.

Pedro Craesbeeck foi, como se sabe, o iniciador de uma famosa firma de impressores e editores que duraria até 1690⁴².

Muitos outros exemplos poderiam ser dados de estrangeiros que laboraram em Portugal como impressores, livreiros e editores. Mas vou só referir-me a mais um, pelo facto de a sua existência ter sido posta em dúvida por Gomes de Brito, um dos primeiros historiadores do livro em Portugal. Trata-se de um profissional referenciado no Livro do lançamento do imposto especial lançado sobre a cidade por D. Sebastião, em 1565. No beco de Gaspar das Naus os lançadores encontraram «Clodio Colon, imprimidor» em casas alugadas e vivendo com mais seis moradores no mesmo prédio⁴³. Gomes de Brito estranhou o nome do impressor e defendeu que o escrivão do recenseamento teria desfigurado, por engano, o de João Blávio de Colónia, conhecido impressor quinhentista de Lisboa⁴⁴. Ora acontece que o registo paroquial de batismos da paróquia de S. Pedro de Alfama de 1565, precisamente o ano do imposto, informa de que a 11 de março foi aí batizado Luís, filho de Nicolau francês e de Catarina de Macedo, mulher que não era casada, tendo sido compadre, ou seja, padrinho, «Claude Colonia, emprimidor», morador em S. Gião. A madrinha foi Inês de Paiva, mulher de Remõ (Raymon?) de Brise, mercador e morador a S. Nicolau⁴⁵. Como se vê, afinal sempre existiu um impressor, provavelmente francês (tendo em conta os membros da comunidade francesa com que se relacionava) de origem alemã (atendendo ao apelido de natureza toponímica), conhecido talvez como Claude de Colónia, certamente de condição modesta, a avaliar pelo montante do imposto que lhe foi atribuído, 21 reis, e pela casa em que morava. Não consegui mais rasto dele. Pode ter falecido pouco tempo depois, quem sabe se ainda jovem, mas a ressurreição deste certamente honesto e esperançoso artista do livro já em parte me compensa do trabalho inglório de ter procurado muitos outros que nunca encontrei.

⁴¹ BIBLIOTECA NACIONAL, LISBOA, *Reservados*, Cód. 4306.

⁴² DIAS, *Craesbeeck*, cit., p. 1.

⁴³ *Livro do lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a El Rei Nosso Senhor o ano de 1565*, vol. 1, Câmara Municipal, Lisboa 1947, p. 299.

⁴⁴ BRITO, *Notícia de livreiros*, cit., p. 16.

⁴⁵ ANTT, *Fundo Paroquial, Lisboa, S. Pedro de Alfama*, Liv. 1 de Batismos, MF 940, f. 42 v. - 11.3.1565.